

PARTE ESPECIAL

SECÇÃO 1ª

EPOCHA EMBRYOGENICA

1500—1822

CAPITULO I

O Brazil: protoplasmia ethnico-juridica. — Peregrinismo do Direito Nacional

Pisamos agora o solo patrio. Daqui em diante a nossa jornada deixa de ser feita por entre os povos do velho mundo, atravez do *forum* romano derrocado, do *mallum* germanico installado sob as florestas sombrias e nevadas, das Universidades poderosas e eloquentes, batidas da brisa suave do Mediterraneo. Vamos caminhar debaixo do azul brunido e quente do céu americano, no meio da natureza virgem, de seio pujante e nubil; por entre as mattas hispidas, fecundas e verdes, desafiadoras do ferro da civilização européa e ensopadas do sol calcinante dos tropicos.

Desde a alvorada do seculo 15º começara-se a contar a edade epica da nacionalidade portugueza, revelada nas suas arrojadas explorações do oceano e na conquista das terras longinquas e ignotas do Oriente mysterioso. O grande filho do Mestre de Aviz, o infante D. Henrique, impulsionara o movimento, e os Dias, os Gamas e tantos outros, haviam fornecido á sua patria

os fios de ouro com que o maior poeta da nossa lingua veio a tecer a immarcessivel corôa dos *Luziadas*.

A fortuna da Hespanha com o descobrimento da America não só reavivara em Portugal o calor das viagens um pouco adormecido desde a morte do infante (1) como estimulara o terceiro successor de D. João 1º a reclamar contra a bulla de Alexandre 6º, que incorporava aos dominios hespanhoes *omnes insulas et terras inventas et inveniendas, dedectas et detegendas versus occidentem et meridiem*. O accordo de Tordesilhas effectuara-se como uma consequencia das reclamações da Corôa portugueza e a partir do momento em que era assignada a convenção (7 de Junho de 1494) o Brazil, ainda não descoberto, entrava para o numero das possessões portuguezas, pois que realmente Portugal « recebeu em Tordesilhas um legado, que, se pôde dizer, se continha em um testamento, cujos sellos só em devido tempo se deveriam romper. » (2)

Seis annos depois, com o quebramento casual de taes sellos, effectuado pela prôa da não em que Pedro Alvares Cabral vogava ao sabor das correntes atlanticas, surgira para o mundo, surgira para a civilisação, o enorme tracto de terra ubertosa e ridente em que hoje soffremos e gozamos como individuos, evoluimos e avultamos como collectividade.

Estamos, pois, no Brazil, em plena aurora do seculo 16º—o fulgurante seculo da prodigiosa expansão material e moral que desentorpeceu os membros da Europa, por tanto tempo tolhidos sob a acção regelante da atmospheria medieval. No velho e no novo mundo

(1) Oliveira Martins: *Hist. da Civilisação Iberica*, 3ª ed. pag. 239.

(2) Varnaghen: *Historia Geral do Brazil*, 2ª ed. tom. 1º secc. 5ª.

festejavam-se natalicios. Ali a cultura classica renascia d'entre os luminosos escombros da Roma anterior aos barbaros e da Grecia anterior á conquista romana; o passado ressuscitava, ou antes surgia para a Europa moderna n'uma nuvem gloriosa em que as estrophes de marmore de Praxiteles adejavam em torno das esculpturas cantantes de Homero e das columnas architectonicas da jurisprudencia romana; em que a voz tonitroante de Demosthenes casava-se á correcção attica da oratoria de Cicero. Aqui saltava do utero fecundissimo da America a promessa de uma grande patria, destinada a reproduzir em breve espaço todo o complicado e brilhante *processus* da evolução humana, a abrigar no seio de suas terras e sob o docel de suas mattas virgens todas as maravilhas industriaes das velhas civilisações, abrigando ao mesmo tempo no cerebro de seus filhos todas as grandezas da sciencia e todos os esplendores da arte.

Estaquemos, porém, no curso destas considerações, que nos arredariam do itinerario traçado, e encaremos o Brazil descoberto por Pedro Alvares, o Brazil de 1500, da ante-manhã do seculo 16º, como o oceano primitivo onde boiou a *monéra* do futuro organismo do Direito Nacional.

Os subditos do venturoso rei D. Manoel não vieram encontrar, na terra que suppozeram a principio uma ilha e que denominaram *Vera-Cruz*, uma região vasia ou abandonada, uma grande tela do genero *natureza-morta* onde os olhos dos viajantes procurassem de balde pégadas humanas. Si lhes foi grande espanto avistarem o monte a que deram o nome de *Paschoal* e encontrarem a enseada a que chamaram *Porto Seguro*, não lhes foi

menor a admiração verificando que era habitada aquella terra, desconhecida e como que separada do resto do mundo. De facto, a pretensa ilha apresentava-lhes uma nova amostra de seres humanos, fortes e livres como a natureza circumvolvente—homens e mulheres bizzaros, que lhes excitavam a curiosidade e o pasmo.

Que estranha gente era essa, que povoava a região casualmente descoberta? Que procedencia, filiação e costumes tinham esses individuos, entre os quaes o chronista Pero Vaz de Caminha (que fazia parte do sequito de Cabral) viu logo mulheres «bem moças e bem gentis, com cabellos mui pretos, compridos pelas espaduas», notando ao mesmo tempo que «a feição delles era serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos, e bons narizes, bem feitos»?...

Estudos pacientes e profundos de modernos ethnologistas respondem hoje a essas e outras perguntas; mas o que se podia dizer, e somente o que se podia dizer, na epocha do descobrimento, é que naquella gente estavam os representantes de um povo que havia de entrar com o seu contingente de tradições, de linguagem e de actividade para a construcção do edificio social que de futuro havia de assentar-se e estender-se por aquellas paragens.

Sim: aquelles homens e mulheres «quartejados de cores e de escaques» que andavam nus «sem nenhuma cobertura», cujos cabellos eram «corredios» e que «traziam o beijo debaixo furado e mettido por elle senhos ossos de osso brancos de compridão de uma mão travessa e de grossura de um fuço de algodão, e agudo na ponta, como furador» (1) eram filhos de uma raça cujo sangue

(1) Caminha: Carta ao rei de Portugal, *apud* Varnaghen, ob. cit.

estava destinado a transfundir-se no de duas outras para a formação do porvindouro typo ethnico que os havia de substituir na dominação da grande terra virgem, aberta á cobiça e á admiração da Europa.

Realmente não ha quem possa tentar hoje a construcção de um quadro amplo e nitido da evolução brasileira, sem olhar de perto e com amor para os selvicolas, cujos derradeiros *abencerragens* vagam a esta hora pelos valles do Tocantins e do Amazonas e pelo grande planalto central.

E' certo que os historiadores nacionaes não teem até o presente se preocupado devidamente com o nosso problema ethnico, isto é, com o phenomeno do crusamento das tres raças que formaram o povo brasileiro, ou antes, com a determinação do caracter de mestiçagem que é a nota physiologica deste povo. A critica litteraria, porém, no seu departamento historico, tem felizmente corregido a falta daquelles autores.

Assim, é hoje idéa adquirida e definida pelos nossos homens de letras a de que o brasileiro actual é e será cada vez mais, pelos seculos a fora, um typo crusado, mestiço, puduzido por tres grandes raças que confluíram entre nós e que, como se sabe, foram a branca, a negra e a côr de cobre.

Em dois dos capitulos de sua esplendida *Historia da Litteratura Brasileira*, o nosso grande critico Sylvio Romero deixou o assumpto perfeita e definitivamente tratado. Consignemos aqui alguns dos seus periodos mais concludentes:

«O povo brasileiro é um grupo ethnico extreme e caracteristico, ou é uma determinada formação historica? Nem uma nem outra coisa, respondo resolutamente.

Não é um grupo ethnico definitivo, porque é um resultado pouco determinado de tres raças diversas, que ainda acampam separadas ao lado uma da outra. Não é uma formação historica, uma raça sociologica, repetindo a palavra de Laffite, porque ainda não temos uma feição característica e original... A raça aryana reunindo-se aqui a duas outras totalmente diversas, contribuiu para a formação de uma *sub-raça* mestiça e creoula, distincta da européa... A estatistica mostra que o povo brasileiro compõe-se actualmente de brancos arianos, indios guaranys, negros do grupo bantú, e mestiços destas tres raças, orçando os ultimos certamente por metade da população. O seu numero tende a augmentar ao passo que os indios e negros puros tendem a diminuir. Desapparecerão n'um futuro não muito remoto, consumidos na luta que lhes movem os outros, ou desfigurados pelo crusamento. O mestiço, que é a genuina formação historica brasileira, ficará só deante do branco puro, com o qual se ha de mais cedo ou mais tarde confundir.» (1)

Estas idéas—repetimos—têm estado até agora ausentes das obras dos nossos historiadores,—não só dos manuaes e compendios que servem entre nós ao ensino da historia patria, como tambem dos trabalhos de grande folego, como por exemplo a *Historia Geral*, de Varnaghen.

Entretanto, força é confessar, desde 1845 o sabio Dr. Carlos Frederico de Martius — a cuja robusta intellectualidade tanto deve o Brazil — havia posto a questão

(1) Sylvio Romero : *Historia da Litteratura Brasileira*, tom. 1.º : pags. 65 e 66.

Na mesma ordem de idéas emittiu conceitos analogos o nosso eminente collega de ensino academico, o Dr. Clovis Bevilacqua. Foi isso em um trabalho sobre o *Romantismo no Brazil*, publicado no Recife, em 1882, nas *Vigilias Litterarias* (2.º fasciculo).

quasi nos mesmos termos em que vemos collocar-a Sylvio Romero.

Si não com o mesmo vigor e precisão do eminente critico nacional ao menos com a mesma segurança de vistas, dizia Martius, naquella epocha, e em dissertação offerecida ao *Instituto Historico e Geographico Brasileiro* :

«Qualquer que se encarregar de escrever a Historia do Brazil, jamais deverá perder de vista quaes os elementos que ahí concorreram para o desenvolvimento do homem. São porem estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo particular tres raças, a saber: a de côr de cobre ou americana, a branca ou caucasiana, e emfim a preta ou ethiopica. *Do encontro, da mescla, das relações mutuas e mudanças dessas tres raças, formou-se a actual população*, cuja historia por isso mesmo tem um cunho muito particular. Pode-se dizer que a cada uma das raças humanas compete, segundo a sua indole innata, segundo as circumstancias debaixo das quaes ella vive e se desenvolve, um movimento historico caracteristico e particular. Portanto vendo nós um povo novo nascer e desenvolver-se da reunião e contacto de tão differentes raças humanas, podemos avançar que a sua historia se deverá desenvolver segundo uma lei particular das forças diagonaes. Cada uma das particularidades physicas e moraes, que distinguem as diverssas raças, offerece a este respeito um motor especial; e tanto maior será a sua influencia para o desenvolvimento commum, quanto maior fôr a energia, numero e dignidade da sociedade de cada uma dessas raças. Disso necessariamente se segue que o portuguez que, como descobridor, conquistador e senhor, poderosamente influiu naquelle desenvolvimento, o por-

tuguez, que deu as condições e garantias moraes e physicas para um reino independente; que o portuguez se apresenta como o mais poderoso e essencial motor. Mas tambem de certo seria um grande erro para todos os principios da historiographia-pragmatica, se se desprezassem as forças dos indigenas e dos negros importados, forças estas que egualmente concorreram para o desenvolvimento physico, moral e civil da totalidade da população. Tanto os indigenas como os negros reagiram sobre a raça predominante.» (1)

Vê-se que commetteriamos *um grande erro*, no pensar e dizer do sabio bavaro, si fazendo, como estamos, a historia juridica do Brazil não nos detivessemos neste assumpto.

Da idyosincrasia ethnica e social do elemento portuguez não precisamos nos preoccupar mais: ella já é conhecida e resulta vivamente das paginas que deixámos escriptas. Dos outros dois elementos, porem, temos necessidade de fallar, inda que ligeiramente.

«O abbade Hervas classificara em quatro grandes troncos as raças da America do Sul:—*araucanios, guaranys, kchúas e karibes*. A. d'Orbigny em tres: *andoperuvianos, pampeanos e brasilio-guaranys*. Baptista Caetano, aventando a idéa de uma redução, parece

(1) Vid. a Revista Trimensal do *Instit. Hist. e Geogr. Brasileiro*; tom. 6.º pags. 389 e segs.

Convem deixar consignado tambem que Perdigão Malheiro, em seu notavel trabalho, intitulado *A escravidão no Brazil* frizou, por sua vez, o aspecto mestiço do brasileiro. Eis as suas palavras: «O certo é que a população do Brazil teve por principaes elementos nas primeiras epochas a raça branca nos Europeus (portuguezes e ilhéos principalmente) a raça india nos indigenas, e a raça africana nos negros. Desde logo essas raças se mesclaram, dando logar a um cruzamento variadissimo na descendencia das mesmas.»

todavia conformar-se provisoriamente com a divisão de d'Orbigny.» São palavras de Sylvio Romero calcadas sobre idéas do illustre investigador e linguista que elle cita em ultimo logar.

O brilhante autor da *Historia da Litteratura Brasileira* dando como certa a hypothese do autochthonismo das raças americanas, acceita como provavel a clasificação de d'Orbigny, quanto ás nações da America meridional, e no que toca aos indios do Brazil acompanha Baptista Caetano nas reduções que faz ás classificações de Martius. (1) Isto quer dizer que para elle os indigenas brasileiros são exclusivamente os tupys-guaranys ou por outra os tupys, como alguns simplesmente os denominam.

Entretanto este ponto de vista é demasiadamente estreito. Baptista Caetano, apezar de sua alta competencia, não pode ser acompanhado nesta materia, exactamente porque estriba-se em d'Orbigny, cujas opiniões estão hoje quasi de todo invalidadas. Depois das viagens de Crevaux e dos trabalhos linguisticos de Lucien Adam; principalmente depois das expedições do Dr. Von den Steinen ao Xingú, em 1884 e 1887-1888, tornaram-se insustentaveis, na especie, as idéas de d'Orbigny, como as de Martius.

E' o que se evidencia do luminoso estudo do Dr. Paulo Ehrenreich sobre a *divisão e distribuição das tribus do Brazil, segundo o estado actual dos nossos conhecimentos*,—estudo que traduzido pelo tão modesto quanto talentoso e erudito escriptor Capistrano de Abreu, foi publicado em 1892, na *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*.

(1) Vid. ob. cit. tom. 1.º pag 79.

Ehrenreich faz sensatamente a analyse e a critica das classificações de d'Orbigny e de Martius ; e especialmente a respeito do primeiro escreve o seguinte :

« A consideração unilateral de um fragmento relativamente pequeno da primitiva população brasilica levou a extremas generalisações. Os tupys cada vez mais passavam como os indios brasileiros caracteristicos e sua linguagem como lingua geral brasilica, da qual se procurava derivar as outras. Como outr'ora na Europa a celtomania, formou-se aqui uma tupimania. Não é de admirar que tambem viajantes e sabios europeus que beberam em taes fontes, ficassem sob os máos efeitos de tão estreita comprehensão. Evidencia-se principalmente isto em d'Orbigny. Excepto os botocudos, include todas as tribus brasileiras em uma raça *brasiloguaranienne* ! » (1)

Parece, com effeito, que as novas conquistas da sciencia em geral e, em particular, da linguistica sufragam esta critica. As classificações de raças baseadas em dados anthropologicos cederam modernamente o passo ás que se fundam em dados linguisticos. « Deslindar o parentesco de typos anthropologicos entre si, a ethnologia por si não o póde fazer, porque difficilmente poderá provar-se que *typos semelhantes sejam de origem egual, e typos diversos sejam de origem differente, sem tomar-se em consideração as linguas*. Já Im Thurm demonstrou quanta importancia fundamental possui o principio da classificação linguistica, especialmente para os povos sul-americanos. »

Nestas condições, não temos duvida em acceitar a divisão que dos indigenas brasileiros nos faz o illustre

(1) Vid. *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*; tom 8 1º boletim.

Ehrenreich, no magnifico trabalho citado. Destribue elle os nossos selvicolas em oito grupos ethnographicos, que são : *Tupis, Gês, Goitacá* (Waitaka), *Carahybas, Nu-Aruak* ou *Maipure, Pano, Miranha, Gaycurú* (Waicurú). Conservando, porém, o quadro de sua classificação e synthetizando suas explanações, ensina elle por fim :

« Abstrahindo das poucas tribus ainda não determinaveis e das que das terras visinhas chegaram até o Brazil, resulta que a maioria das tribus brasileiras pertencem ás quatro grandes familias principaes dos *Tupis, Gês, Carahybas* e *Maipure* ou *Nu-Aruak*... Da gemma do continente espalharam-se os tupis em todas as direcções, os carahybas para nordeste ; ao passo que do norte vieram os nu-aruaqs, de leste vieram os gês a penetrar no interior. »

Mas demos uma idéa mais precisa da destribuição geographica desses indigenas, tomando sempre as nossas informações ao Dr. Ehrenreich. Os carahybas e nu-aruaqs, os menos conhecidos e menos estudados dos nossos indios, porque são tambem os que menor contacto têm tido com viajantes e exploradores, espalham-se em geral pelo noroeste e centro do triangulo brasileiro. Os primeiros, cujos nucleos primitivos, segundo Lucien Adam e Von den Steinen, estendiam-se pelo territorio comprehendido entre o Tapajoz e as cabeceiras do Xingú vão desde este ponto central de irradiação até o baixo Amazonas e dahi por seus afluentes da margem esquerda acima até a Guyanna, com os nomes tribaes de *bacairys, nahuquás, apiacás, wayavai, apalai*, etc. Os segundos alongam-se em larga estria da costa do mar das Antilhas para sudoeste até os Andes peruanos e bolivianos, para dahi despedir um galho para o sul no alto Paraguay e outro para leste até o centro do Brazil. A massa

principal desses povos encontra-se entre os rios Purús, Coary e Juruá enchendo o vasto territorio entre o Madeira e o Ucayale até as abas dos Andes. As mais conhecidas de suas tribus do Brazil são as dos *mandós* e dos *aruakis*, nas margens do rio Negro.

Por esta distribuição se comprehende que não foi com representantes dos carahybas e nu-aruaks que os portuguezes travaram relações, em 1500. Os povos conhecidos pelos descobridores e colonisadores do Brazil pertenciam aos tupys e aos gés.

Os tupys, que provavelmente tiveram o seu nucleo inicial nas partes orientaes da Bolivia e nas visinhanças do Paraguay, podem ser vistos em tres grandes linhas de distribuição: uma que atravessa o sul do Brazil até a costa e segue esta até o Pará, de onde um ramal sobe o baixo Amazonas e outro ramal atravessa o rio estendendo-se até a parte oriental da Guyanna; outra que sahe do centro em direitura para nordeste, ligando-se com os tupys da costa pelos *guajajaras*; outra, finalmente, que vindo por oeste, segue para o norte pelo Madeira ou pelo Ucayale.

Como quer que seja, no tempo da descoberta « as tribus tupys bellicosas, geralmente dadas ao canibalismo, habitavam não sómente todo o littoral brasileiro do Pará até o tropico do sul, mas ainda estendiam-se até o baixo Amazonas, na região da foz do Rio Negro, para onde, conforme a declaração de Acuna, deviam ter ido do interior de Pernambuco e Ceará. As suas tribus mais importantes eram os *tamoyos*, *tupiniquins*, *tupinambás*, *tupinaés* e outras. »

« O grande grupo das nações *gés* (continuemos a citar Ehrenreich) é o que domina hoje em toda metade oriental do Brazil... Logo depois do descobrimento,

os portuguezes entraram no littoral em relações hostis com tribus que se distinguíam por modo palpavel dos tupys, relativamente mais civilisados, e eram por estes chamados *tapuyas*, isto é, barbaros e estrangeiros. Os mais temidos destes tapuyas eram os *aymorés*, que ainda hoje conhecidos pelo nome de *botocudos*, vagam pelas mattas serranas de Minas Oriental, Espirito Santo e Bahia, e em parte ainda tem conservado completa sua independencia. Estes tapuyas da costa podem quasi todos enfileirar-se entre as nações *gés* sob o ponto de vista linguistico.»

Temos, pois, que as populações vistas no littoral brasileiro pelos portuguezes que no seculo 15º aportaram ás nossas plagas, podiam ser representantes de algum dos grupos tupy e gé. Mas provavelmente os individuos dos quaes a penna singela do chronista Caminha fez ao rei D. Manuel o retrato de que acima reproduzimos alguns traços, eram os *tupiniquins* — do primeiro d'aquelles grupos — errantes pela região costeira da presumida ilha de Vera Cruz. (1)

E' com esses elementos ethnicos, é com esses povos ainda no periodo da pedra polida, que vão se encontrar

(1) « Au seizième siècle, les premières chroniques du Brésil, si bien exposées dans l'ouvrage de M. Ferdinand Denis, avaient divisé en deux races les nombreuses tribus qui peuplaient le littoral et le cours des fleuves: les Tapuias, les plus anciens habitants, peut-être autochtones; et les Tupis, originaires des Guaranis, qui à une époque bien antérieure, s'étaient portés de la Plata vers l'Amazone, les Guyanes, et peut-être même jusqu'aux Antilles. A l'arrivée des navigateurs portugais cette migration de la nation Tupi était terminée: ses nombreuses tribus occupaient définitivement le littoral; telles étaient les Potigoarés et les Cahetés, au nord; les Tupiaés, les *Tupiniquins* aux environs de Bahia; les Tupinambás et les Tamoyos, ceux-ci près de la baie de Rio de Janeiro, et plus au sud les *Carijós* et les *Patos*. » (Dr. Philippe Marius Rey: *Etude anthropologique sur les Botocudos*; Paris, 1880).

além dos brancos, os africanos do grupo *bantú*, largamente importados, como escravos, para a nova possessão portugueza.

Antes de tudo observemos que a expressão *grupo bantú*, adoptada por Sylvio Romero para designar os negros vindos para o Brazil, não tem significação anthropologica ou ethnographica; é uma locução linguistica, empregada para designar um certo grupo de idiomas africanos. A palavra *bantu* ou *bantou*, que significa *homens*, *população*, *povo*, substituiu a de *cafre*, que significa *infidel*, na designação das lingoas do sul da Africa, abstracção feita dos paizes dos bochimans e dos hottentotes. E' o que nos diz Abel Hovelacque, que de taes linguas informa ainda: « Au sud elles atteignent les environs du Cap; au nord elles confinent au groupe ethiopien des langues kamitiques, aux langues des nègres de Guinée et dépassent un peu la ligne equatoriale. » (1)

Por isso que os africanos para cá importados faziam todos parte de familias ou tribus dessa grande região demarcada pelo linguista francez, poude Sylvio Romero e podemos nós, designar os negros de que se trata pela expressão—*grupo bantu*.

A data primitiva e certa da introducção entre nós desses africanos não é tão conhecida quanto são as suas patrias originarias.

« Póde-se dizer (escreve Varnaghen) que a importação dos colonos pretos para o Brazil feita pelos traficantes, teve logar de todas as nações, não só do litoral d'África, que decorre desde o Cabo Verde para o sul, e ainda além do cabo da Bôa Esperança, nos territorios de Moçambique; como tambem não menos de ou-

(1) A. Hovelacque: *La Linguistique*, 2^a ed. pag. 78.

tras dos sertões que com ellas estavam em guerra, e ás quaes faziam muitos prisioneiros sem os matarem. Os mais conhecidos no Brazil eram os provindos de Guiné (em cujo numero se comprehendiam Berberes, Jalofos, Felupos, Mandingas), do Congo, de Moçambique, e da Costa da Mina, donde eram o maior numero dos que entravam na Bahia, que ficava fronteira e com mui facil navegação; motivo porque nesta cidade tantos escravos aprendiam menos o portuguez, entendendo-se uns com outros em *nagô*.»

Com muito menos segurança falla o autor da *Historia Geral* do tempo em que entraram no Brazil os primeiros escravos. « Em nosso entender (diz elle) os escravos africanos foram trazidos ao Brazil desde a sua primitiva colonisação; e naturalmente muitos vieram com seus senhores, a bordo dos primeiros navios que aqui aportaram, comprehendendo os da armada de Cabral. »

Perguntando em que época foram introduzidos negros escravos no Brazil, respnde a si mesmo Perdigão Malheiro:

« Eis um ponto historico ainda incerto. Das relações e noticias das primeiras expedições nada consta. Mas é de presumir que, embora os colonos achassem no paiz os seus naturaes, de quem se apropriaram desde o começo para os misteres do serviço, reduzindo-os mesmo á escravidão, houvessem tambem trazido de Portugal escravos negros a seu serviço e de bordo; e que alguns ficassem no Brazil, quer em companhia dos senhores que aqui vinham estabelecer-se, quer por outra forma... Nas doações das capitánias, em que foi dividido o Brazil por D. João 3^o se conferiam aos donatarios poderes extraordinarios, mesmo de morte, tambem sobre os *escravos*; o que faz